

PEDAGOGIA CATECUMENAL: MODA OU HERANÇA?

Prof. Dr. Antonio Francisco Lelo

RESUMO

A metodologia catecumenal tem dois eixos: a força do anúncio querigmático e a mistagogia dos sacramentos como duas vigas que abrem e fecham o processo iniciático. Queremos abordar neste artigo, estas duas âncoras a partir de algumas razões históricas que as levaram ao esquecimento na pastoral. Por trás destes pontos, ressoará sempre o questionamento: será que este modelo catequético tradicional na Igreja, tem força para remover o modelo de cristandade que permeia nossa atual prática de iniciação cristã?

Palavras chave: Catecumenato, mistagogia, iniciação cristã.

ABSTRACT

The catechumenal methodology has two axels: the power of the kerygmatic

Announcement, and the mistagogy of the sacraments, as two supports which open, and conclude the initial process. We want to point out in this article, those two anchors from some historical reasons that took them in the pastoral forgetfulness. Behind those points, resounds always the question: Is it sure that this traditional catechetical model in the Church has power to remove the Christianity model that tracks our current practice of Christian initiation?

Key-words: Catechumenal, mistagogy, and Christian initiation.

INTRODUÇÃO

Muitas vezes, uma reflexão na Igreja, começa a fazer o seu caminho e ficamos pensando quando esta onda vai passar. O *Diretório nacional da catequese*¹ dando continuidade à prática catequética suscitada pelo *Diretório geral para a catequese*² e por *Catequese renovada*³ põe em foco o estilo catecumenal, como também o *Documento de Aparecida*.⁴

Alguns temas são próprios do estilo catecumenal: prioridade para os adultos, particularmente aqueles que não concluíram a iniciação cristã (catecumenato pós-batismal); urgência do primeiro anúncio (querigma); maior unidade entre catequese e liturgia (mistagogia); unidade dos três sacramentos de iniciação; o conceito de iniciação como experiência religiosa transformante que gera identidade. Como bem se vê, são elementos antigos e conhecidos em nossa catequese, mas que tomados em conjunto, produzem uma prática nova e estão bem longe de serem apenas um modismo.

Este estilo acha-se articulado no *Ritual de iniciação cristã de adultos* (RICA) que restaurou o catecumenato e tem o mérito de recolocar em conjunto os elementos que dão coerência ao processo de iniciação para alcançar a sua finalidade. A catequese não pode ser tomada como coisa de criança. Este método se preocupa com a evangelização das famílias; o planejamento dos itinerários de iniciação; a programação das etapas ou passos; a centralidade do mistério pascal com atenção a todo ano litúrgico e destaca a comunidade catequizadora em seus vários ministérios (introdutores, família, pároco, catequistas, padrinhos).

A catequese por etapas, tradicionalmente praticada em nossas paróquias, fragmentou o processo, deslocando a compreensão dos três sacramentos sem permitir que a identidade cristã emergja como resultante deste caminho sacramental. Temos ainda, o entrave secular de mal compreender a eficácia

¹ CNBB. *Diretório nacional de catequese*. São Paulo, Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, n. 84).

² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório geral para a catequese*. São Paulo, Loyola - Paulinas, 1998

³ CNBB. *Catequese renovada*; orientações e conteúdo. São Paulo, Paulinas, 1983. (Documentos CNBB n. 26).

⁴ CELAM. *Documento de Aparecida*; texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. São Paulo, Paulus/Paulinas/Edições CNBB, 2007.

sacramental, ao utilizar sua ação *ex opere operato* como subterfúgio para uma evangelização apressada.

Em base a isto, ainda hoje persistem segmentos da Igreja que se alimentam em uma pastoral de resultados imediatos que facilmente cai na celebração do sacramento sem o devido processo de amadurecimento da fé, a chamada sacramentalização, na qual, o sacramento acaba sendo o vilão sem merecer, pois toda a orientação do magistério nos leva ao equilíbrio entre anúncio da Palavra e celebração sacramental.

Restaurar o catecumenato não é simplesmente retomar algo do passado, mas resgatar a pedagogia da fé como nos primeiros séculos da Igreja, em que não se administravam os sacramentos como ritos mágicos, mas abriam-se, lentamente, por meio de graus sucessivos, a fonte de formação e de vida que é a celebração dos sacramentos. Como redescoberta, o catecumenato e a nova concepção de catequese é uma volta à pedagogia das origens, quando a Igreja era essencialmente missionária.

A metodologia catecumenal tem dois eixos: *a força do anúncio querigmático e a mistagogia dos sacramentos* como duas vigas que abrem e fecham o processo iniciático. Queremos abordar neste artigo, estas duas âncoras a partir de algumas razões históricas que as levaram ao esquecimento na pastoral. Por trás destes pontos, ressoará sempre o questionamento: *será que este modelo catequético tradicional na Igreja, tem força para remover o modelo de cristandade que permeia nossa atual prática de iniciação cristã?*

1. ANÚNCIO QUERIGMÁTICO

A geração adulta de hoje não foi acostumada a ouvir o anúncio destemido e testemunhal do Senhor Jesus. A fé cristã estava bem mais adaptada aos sacramentos e promessas. Sem dizer que muitas vezes a pregação, a catequese e a liturgia não se centravam bem no núcleo de nossa fé em Cristo, em sua Páscoa, no Reino, na Igreja; mas se orientavam mais pelas devoções e festas. Quantas vezes a Palavra proclamada perdeu lugar para avisos e moralização de costumes.

Em clima de cristandade, a iniciação cristã era papel da família e da própria sociedade. A primeira adesão a Jesus Cristo era suposta, pois o contexto social já levava à prática cristã. A catequese, em geral para crian-

ças, acentuava fortemente a dimensão doutrinal. Havia pouca preocupação missionária, pois os esforços concentravam-se mais em uma forma pastoral de conservação, de manutenção dos valores religiosos oficialmente proclamados na sociedade, do que propriamente em promover a evangelização.

Passamos por uma mudança de época:⁵ espaço virtual, globalização, tecnologia e pesquisa. Mudam-se os referenciais do juízo ético, dos padrões histórico-culturais. Estes padrões nos deixam com a sensação de que nosso passado se perdeu na distância do tempo, pois ficou velho demais, os padrões são outros. Isso nos leva a uma crise de sentido da vida, ao subjetivismo exacerbado, e muitas vezes ficamos perdidos diante da pluralidade de concepções e alternativas.

A fé é posta à prova com a crise de valores: banalização da pessoa, corrupção, destruição do meio ambiente e o sucesso de conversões motivadas pela teologia da prosperidade, que atribui os males ao tentador e acentua as vantagens que a pessoa de fé desfruta neste mundo. O impacto do pluralismo cultural e religioso marca o fim da era de cristandade e põe em crise o paradigma tradicional da transmissão da fé. Assumir o modelo catecumenal exige uma prática pastoral que abandone o conceito de cristandade.

O pluralismo religioso questiona o ser humano em suas escolhas mais profundas, requer convicção e discernimento de opção religiosa. Passamos de um cristianismo herdado automaticamente para um cristianismo de opção consciente; de uma fé transmitida para uma fé contagiante.

Hoje, mais do que batizar por tradição familiar, o indivíduo é intensamente estimulado a construir sua própria identidade de fé. Um dos grandes ideais modernos é a realização pessoal. Portanto, melhor que confiar no ideal de uma sociedade cristã, vamos estabelecer processos de amadurecimento da fé nos quais o cristão adquira convicções e estabeleça valores que orientem sua existência.

Urge anunciar Jesus Cristo liberto dos fundamentalismos que tentam aprisioná-lo como um milagreiro. Muitos buscam uma Igreja, como a casa dos milagres, uma igreja de resultados que gire em torno de si mesma, que atende periféricamente os pedidos, sem as preocupações do Reino.

⁵ Idem, *ibidem*, n. 44.

Evita-se pensar que as pessoas já sejam crentes. Mais do que nunca se faz necessário o “primeiro anúncio” em todas as formas de catequese e que todo encontro de fiéis se torne ocasião para recuperar o coração da fé (querigma) e o convite para a adesão inicial. Entre tantas propostas de fé, urge fazer a experiência no Deus uno e trino, como comunidade de amor; conhecer e relacionar-se com Jesus de Nazaré e sentir-se incomodado com o anúncio do Reino.

Faz sentido perguntar: quem é Deus para o cristão; o que significa a fé no único Deus verdadeiro; quem é Jesus Cristo; qual é o conteúdo do evangelho que Deus mesmo manifesta por meio do Cristo; qual é o caminho de Cristo para alcançar a Vida eterna.

Finalidade

A finalidade da proclamação do querigma é suscitar a fé em Jesus de Nazaré como Messias e Filho de Deus, de modo que tal aceitação se atualize em salvação para o crente.

2. A INICIAÇÃO CRISTÃ E O QUERIGMA

No *Documento de Aparecida* a conversão inicial e impactante do primeiro anúncio ganha importância e tem o seu lugar: “O *querigma* não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo (por isso) só a partir do *querigma* acontece a possibilidade de uma iniciação cristã verdadeira”.⁶

“Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação na vida cristã que começa pelo *querigma* e que, guiado pela Palavra de Deus, conduz ao encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo”.⁷ Alimenta-se essa experiência do encontro no “cultivo da amizade com Cristo pela oração, no apreço pela celebração litúrgica, na experiência comunitária e no compromisso apostólico, mediante um permanente serviço aos demais”.⁸

⁶ Id., *ibid.*, 279a.

⁷ Id., *ibid.*, n. 289.

⁸ Id., *ibid.*, n. 299.

O anúncio alegre e dinâmico das realidades principais de nossa fé, conforme o *Diretório nacional de catequese*, n. 31 deverá constituir o eixo de todo o processo catequético e será capaz de convidar crianças, jovens e adultos a seguirem a Boa - Nova de Jesus Cristo. “A finalidade da catequese é aprofundar o primeiro anúncio do Evangelho: levar o catequizando a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo, que nos revela o Pai e nos envia o Espírito Santo. Conduz à entrega do coração a Deus, à comunhão com a Igreja e à participação em sua missão.”⁹

3. O LUGAR DO QUERIGMA NO CATECUMENATO

O processo catecumenal do RICA contempla em sua primeira etapa, especificamente o anúncio querigmático.¹⁰ Essa fase, também chamada de pré-catecumenato, distingue-se, essencialmente, pela *acolhida* dos que desejam ser cristãos e ingressar na comunidade dos fiéis, que é uma experiência viva da presença do Espírito e de comunhão no amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Esse é o primeiro contato daquele que pede a fé com a comunidade cristã.

O RICA, n. 15, prescreve que no tempo do pré-catecumenato, o “simpatizante” adquira uma fé inicial, pois quem se abre à fé inicial, deseja começar pela primeira vez, ou recuperar sua relação com Deus. Isto vale tanto para os adultos catecúmenos ou para aqueles que batizados na infância queiram completar a iniciação cristã. Nesta etapa, são chamados de simpatizantes e, exige-se discernimento tanto da sua parte como da Igreja, disposta e preparada para acolher e evangelizar os que desejam receber os sacramentos da iniciação.

Muitos que participam de vez em quando de nossas assembléias ou pedem o Batismo para os filhos deixaram de lado a vida de fé e ainda não receberam os sacramentos da Confirmação ou da Eucaristia. São profissionais capacitados, adquiriram maturidade nas relações afetivas e pessoais, porém a consciência de fé cristã ainda permanece na infantilidade, sem alcançar

⁹ CNBB, *Diretório nacional de catequese*, n. 43.

¹⁰ Cf. *Documento de Aparecida*, nn. 278a.279.289.293; CNBB, *Diretório nacional de catequese*, nn. 30-31.

o Deus libertador anunciado por Jesus Cristo. Há que convidá-los para que busquem em sua paróquia o catecumenato pós-batismal de adultos, a fim de formar um grupo específico.¹¹

Nesse período se apresenta o primeiro anúncio vigoroso da pessoa de Jesus Cristo, do Reino da Igreja e da salvação. Intui-se que o Deus anunciado por Jesus Cristo é alguém significativo e vital para sua realização pessoal. “Aqueles que serão seus discípulos já o buscam (cf. Jo 1,38), mas é o Senhor quem os chama: ‘Segue-me’ (Mc 1,14; Mt 9,9). É necessário descobrir o sentido mais profundo da busca, assim como é necessário propiciar o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã”.¹²

A esta primeira adesão a Jesus Cristo acompanha o desejo de segui-lo, de viver como ele viveu, o que significa um profundo desejo de conversão. A pessoa, situada no início da fé, sente-se misteriosamente chamada por Deus, a quem urge dar uma resposta. Quando a resposta é afirmativa, Deus ocupa o centro da sua vida.

É nesse diálogo, que o ser humano decide livremente que Deus ocupe o centro de sua vida, que os desejos de Deus sejam os desejos de sua vontade humana, e que o amor de Deus seja o fundamento de seu amor humano; inicia-se o seguimento de Jesus.

Conteúdo

“O centro do primeiro anúncio (querigma) é a pessoa de Jesus proclamando o Reino como uma nova e definitiva intervenção de Deus que salva com um poder superior àquele que utilizou na criação do mundo. Essa salvação é o grande dom de Deus, libertação de tudo aquilo que oprime a pessoa humana, sobretudo do pecado e do Maligno, na alegria de conhecer a Deus e ser por ele conhecido, de o ver e se entregar a ele.”¹³

¹¹ Para essa finalidade, recomendamos: BRUSTOLIN, L. A.; LELO, A. F. *Caminho de fé*; itinerário de preparação para o Batismo de adultos e para a Confirmação e Eucaristia de adultos batizados. São Paulo, Paulinas, 2006; BLANKENDAAL, A. F. *Seguir o Mestre*; Batismo e/ou Confirmação e Eucaristia de adultos. São Paulo, Paulinas, 2007 (2 volumes).

¹² *Documento de Aparecida*, n. 278a.

¹³ CNBB. *Diretório nacional de catequese*, n. 30.

O conteúdo fundamental do querigma é a morte e ressurreição de Jesus Cristo enquanto acontecimento salvífico atual. O *Diretório Nacional de Catequese* nos números 30-32 explicita os elementos essenciais que devem fazer parte do querigma: Jesus que anuncia a chegada do Reino e o amor do Pai; a salvação em Cristo e a nossa correspondência e responsabilidade a esse amor; a Igreja, germe e início desse Reino; o destino eterno e glorioso daquele que crê, ama e espera.

Este era o anúncio impactante que Pedro e Paulo registram no livro dos *Atos dos Apóstolos* e nas *Cartas*. Em frases curtas e testemunhais, apresentam o Deus revelado por Jesus e a novidade de vida que os levavam a ser apóstolos, enviados da verdade. “O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar Jesus Cristo a crer nEle como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá pleno significado às suas vidas e a seguir seus passos”.¹⁴

São Paulo, em seu querigma fala da relação pessoal com o único Deus verdadeiro como algo que precede o anúncio do Evangelho (At 14,15; 1Ts 1,9-10; Jo 17,3). Crer no único Deus verdadeiro, não se deve entender apenas como ato nacional e cognitivo, mas sim, a começar a ter uma relação pessoal de confiança e de amor para com Deus. Crer em Deus significa confiar nele (*fides qua*, adesão). Confiança de fé em um Deus que já se revelou e com o qual me comprometi com ele. Âmbito da aliança (amor e confiança razoável). Não é confiança cega, está conjugada com uma determinada idéia de Deus, a determinada verdade (conteúdos dogmáticos) que apóiam a confiança nele.

Deus é a origem e o destino de toda criatura. Deus pessoal, absolutamente único, do qual tudo se origina e nele se encontra a vocação e o destino. Deixar Deus para outra hora da vida é diferente da ação de Jesus que inspira-se radicalmente na certeza de que o crer no Deus vivo, o levará absolutamente a sério e ao relacionamento de fé, de amor e de esperança para com o único Deus verdadeiro é o fundamento mesmo da vida humana e única garantia da participação na vida eterna com Deus.

Em tempos de apelação do sagrado, de relação utilitária com Deus, é hora de nos perguntarmos em que Deus queremos acreditar? Será que a

¹⁴ *Documento de Aparecida*, n. 279.

fé tem que necessariamente responder, atender às necessidades imediatas para a pessoa descobrir quem é Deus?

Uma atitude conscienciosa será demonstrar a gratuidade do seu amor incondicional a ponto de enviar o seu Filho Jesus. Por isso, ele conta com a adesão de nossa parte, sem contudo, nos poupar das limitações, tragédias e problemas da ordem de nossa natureza humana.

Permanece a força do grande anúncio do Deus vivo que escuta o clamor, ergue seu braço forte e tem sua mão estendida para salvar o povo da escravidão do faraó, do culto aos falsos ídolos e conduzi-lo à terra prometida.

A ação divina é pessoal e intransferível, porém, seu âmbito de ação é comunitário e eclesial. O povo do Senhor passa a ser cuidado e conduzido em asas de águia, pois com ele se estabelece a aliança: “eu serei o vosso Deus e vocês serão o meu povo” (Ez 36,28).

Na linguagem do Segundo Testamento, o testemunho do único Deus verdadeiro contém também um apelo e, ao mesmo tempo, uma ajuda eficaz, a fim de conceder a Deus um lugar vital, aliás, o lugar central na vida humana, e assumir, em relação a ele, aquela atitude fundamental de “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Este é, precisamente, o significado que está por trás da expressão bíblica: “conhecer a Deus”, conhecer o único Deus verdadeiro.

A homilia e a catequese serão querigmáticas na medida em que apresentem certas características próprias do ser e finalidade do querigma:

- emprego da Sagrada Escritura, mostrando como Deus em e por Jesus de Nazaré entra na história da humanidade;
- anúncio do mistério pascal de Jesus Cristo em e por quem Deus nos dá a salvação;
- testemunho feliz da atualidade da redenção, pois o que se anuncia é o que se experimenta e se vive.

4. DIFICULDADES DO PREGADOR

Anunciar o querigma implica em comunicar a experiência de fé daquele que anuncia, em posicionar-se como pessoa de fé numa sociedade que duvida, questiona, põe à prova as convicções do missionário. Não se trata só

de falar a verdade de fé, antes, trata de apresentar um estilo de vida, uma postura, um modo de ser no mundo, em que se demonstra a fé na qual se crê, se celebra e se estabelece relações com o próximo.

O querigma acaba envolvendo a pessoa do missionário e sua experiência de fé é determinante para anunciar. O grau de sua realização pessoal interage com a mensagem. Só se empolga o ouvinte com a mensagem de vida que se tem a oferecer, mas que antes de tudo, ela é mensagem de vida para quem anuncia. A vibração interior é fundamental.

A experiência de fé pessoal sofre o corretivo da experiência de fé eclesial, do estudo e aprofundamento da Palavra, da compreensão do mundo, do contrário, incorreremos num subjetivismo autoritário, na visão limitada deste ou daquele mestre de espírito.

A dificuldade da fé em Deus: não se trata simplesmente de considerar “verdadeira” uma afirmação teológica, mas sim, de entrar nesse relacionamento pessoal com Deus, o qual exige uma mudança fundamental de perspectiva e de impostação da vida.

Portanto, o anúncio da palavra evangélica exige daquele que dá este testemunho, a disponibilidade de acompanhar e de ajudar a pessoa que demonstra abertura para o Evangelho. Não basta proclamar ou testemunhar uma única vez esta fé no único Deus. Será preciso também ajudar a eliminar e a superar os obstáculos que esta fé encontra. É preciso estar disposto a percorrer com as pessoas sensíveis e interessadas, um trecho do caminho, mais ou menos longo, mais ou menos árduo, como fez o próprio Jesus Cristo ao longo da estrada de Emaús.

Estas dificuldades devem ser matizadas diante da necessidade que as pessoas têm de ouvir claramente o anúncio da salvação em Cristo, por alguém que testemunhe e vibre com esta notícia. Duas irmãs religiosas relataram-me que se espantaram com o fato de um sobrinho delas, com cerca de vinte e quatro anos ter, repentinamente, se convertido a uma denominação religiosa pentecostal. Este sobrinho se destacava por sua retidão de vida e compromisso com o trabalho, porém, até então, nunca manifestara uma definição religiosa.

Após alguns contatos com o pastor de uma comunidade de fé, o rapaz se animou sinceramente, e passou a professar a fé com o ardor de todo recém-convertido. Ao ser questionado sobre a conversão pelas tias religiosas, afirmou: “nunca ninguém me anunciou Jesus Cristo”. Decorridos mais de quatro anos, o rapaz continua firme em sua decisão de fé.

A mistagogia

Ao lado do querigma, a mistagogia é outro elemento que ressalta a experiência do mistério de maneira pessoal, objetiva e transformadora. Se o querigma tem como elemento-força à Palavra, a mistagogia sublinha a Palavra feita gesto, sinal sensível pelo qual se efetua uma mudança indelével, radical e ontológica. A restauração do catecumenato coincide com a busca de uma experiência mais plena dos sacramentos recebidos, que leve à participação na comunidade eclesial e ao testemunho de uma vida nova.

A liturgia dos primeiros séculos contava com uma intensa participação do povo, mas, a história da liturgia registra um movimento inverso. A partir do século IV, com o batismo em massa dos adultos, torna-se cristão por conveniência, e depois por tradição. Dá-se início à era da cristandade, toda a sociedade é tida como cristã. Com o passar do tempo, o povo já não participa, celebra-se de costas para o povo e a maior preocupação era com a cerimônia, com a exterioridade do rito e a sua validade perde-se de vista à noção do sacerdócio comum dos fiéis.

Com o feudalismo tem origem o individualismo litúrgico-devocional do século IX, o povo tem pouco acesso à Palavra e já não entende o latim; os sacramentos são valorizados por seu efeito de graça, sem a devida evangelização.

O devocionalismo propõe-se a substituir a liturgia. É mais espontâneo com intenso sentimento religioso, origina práticas devotas e expressões próprias de culto. Com o devocionalismo os mistérios da vida de Cristo são objeto de reflexão, de oração pessoal, de recolhimento e de meditação, porém não conduzem a uma celebração objetiva. Atuam só na superfície, sem penetrar nos mistérios (p.ex. imagens sagradas).

A catequese, por sua vez, se torna doutrinária, em forma de catecismo, desligada da Palavra e da liturgia. O ser cristão se transmite por tradição religiosa.

Reforma litúrgica

O Concílio Vaticano II inaugura uma nova fase de auto-compreensão da Igreja. Constata a pluralidade religiosa e cultural do mundo moderno. Inaugura o diálogo da Igreja com as novas realidades. Partindo do trabalho

de pesquisa e divulgação das fontes e dos estudos sobre a liturgia na sua forma clássica, praticada pelos santos padres, reencontra o caráter teológico da liturgia e o apresenta na Constituição *Sacrosanctum Concilium* e daí se desencadeia a reforma litúrgica.

Entre outros ganhos, a reforma tem a finalidade de obter a participação consciente, ativa e frutuosa na liturgia; recupera e valoriza o sacerdócio comum dos fiéis; destaca o caráter memorial da liturgia, pois toda a liturgia é histórico-salvífica, centralizada no Mistério Pascal.

A visão mística preconizada pela reforma litúrgica aliada à recolocação da Palavra na vida da Igreja e às conquistas do Concílio Vaticano II, faz-nos chegar à viabilidade do catecumenato como escola de discípulos que se educam na Igreja para se tornarem testemunhas do Reino.

A mentalidade catecumenal, segundo o *Ritual de iniciação cristã de adultos*, é revolucionária porque traz consigo a concepção mística da liturgia e sua pedagogia encerra o melhor modelo de interação entre catequese e liturgia. Pois, valoriza o caráter memorial da páscoa e das celebrações dominicais e da Palavra, ao celebrar as bênçãos e exorcismos e escrutínios; destaca a centralidade pascal, maximamente o ciclo pascal e a páscoa semanal; a pedagogia dos gestos e sinais litúrgicos, maximamente os sacramentais; pressupõe os elementos da teologia litúrgica renovada, como: assembléia litúrgica com ampla expressão ministerial e o sacerdócio comum.

O estilo catecumenal comporta uma verdadeira conversão de mentalidade dos agentes eclesiais na pastoral. Há que vencer a mentalidade vigente marcadamente devocional, que se satisfaz apenas com alguns conhecimentos de fé, e assumir a conversão pastoral a que se refere o *Documento de Aparecida*, e partir missionariamente para a evangelização dos adultos, com itinerários de fé e pedagogia litúrgica; eis a grande tarefa do catecumenato.¹⁵

A “inspiração catecumenal” supõe fazer da catequese um processo integral de educação cristã, ou seja, uma inserção nas dimensões fundamentais da vida cristã, no conhecimento do mistério de Cristo, na vida evangélica, na oração e celebração da fé e no compromisso missionário.

¹⁵ Id., *ibid.*, n. 370.

Ao assumir a dimensão catecumenal, a catequese torna-se experiencial, celebrativa e orante. Dá importância aos símbolos e aos progressivos e graduais passos na fé, assumindo assim as características de um processo iniciático. Por isso, o catequista se capacitará para acompanhar adultos, jovens e crianças em seu itinerário de fé e para animar a ação catequética em todos os níveis.

O esvaziamento da liturgia de sua teologia, bem como o reducionismo sofrido pela catequese, compreendida como ciência do catecismo leva, ultimamente, o magistério da Igreja bem como, catequetas e liturgistas ao consenso da necessidade de reatar o caminho de uma profícua relação entre o mistério anunciado e o mistério celebrado para a única profissão de fé na vida.

“Recordamos que o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, ‘teve sempre o caráter de experiência, na qual era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por autênticas testemunhas’. Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais. Desse modo, a vida vem se transformando progressivamente pelos santos mistérios que se celebram, capacitando o cristão a transformar o mundo”.¹⁶

Esta relação entre catequese e liturgia encontra alta expressão na pedagogia catecumenal e a iniciação pascal promovida pelos três sacramentos constitui a base de toda a vida cristã e por consequência, de toda participação na oração litúrgica. Além do que, a preocupação dos Padres de refletir sobre a experiência dos sacramentos celebrados nas festas pascais consagrou o método mistagógico como o mais apropriado para compreendermos o acontecimento sacramental em sua riqueza teológica, celebrativa e espiritual.

5. CATEQUESE E LITURGIA NO RICA

O RICA prevê uma catequese estreitamente unida à história da salvação, restaura-se a antiga tradição de ensinar, a partir do próprio mistério, e dar ao sacramento uma visão mais ampla, onde os sacramentos continuam

¹⁶ Id., *ibid*, n. 290.

no tempo a história da salvação.¹⁷ A história da salvação, apresentada ao candidato, faz perceber que a sua história religiosa pessoal e a da salvação da humanidade estão em estreita relação.

O RICA foi restaurado com o objetivo de manifestar o íntimo laço entre a ação de Deus, significada pelos ritos, e o progresso do catecúmeno rumo aos sacramentos de iniciação. Desenvolve uma pedagogia espiritual, marcada, primeiramente, pelo processo gradativo com que o indivíduo é levado a conhecer o mistério, converter-se de seus costumes e pensamentos, até ser incorporado em Cristo e na Igreja.¹⁸

O RICA, para favorecer a interação entre liturgia e catequese, segue o critério da progressividade, a fim de iniciar um adulto na fé. Prevê, para isso, os três ritos de passagem (entrada, eleição e a celebração dos sacramentos), com quatro tempos de formação (pré-catecumenato, catecumenato, preparação quaresmal e mistagogia).

Os tempos a serem ultrapassados são considerados tempos de *informação* e *amadurecimento*, mais diretamente relacionados à catequese; que são preparados pelos ritos de passagem (Cf. RICA, n. 7), voltados mais para a dimensão litúrgica. Não acontecem como momentos isolados, mas atuam em profunda conexão.

No RICA, catequese e liturgia, em profunda relação com a vida, são inseparáveis, pois a catequese deve “esclarecer a fé, dirigir o coração para Deus, incentivar a participação nos mistérios litúrgicos, animar para o apostolado e orientar toda a vida segundo o espírito de Cristo” (RICA, n. 99).

Catequese e liturgia, previstas pelo RICA, superam a visão tradicional dos sacramentos, em que ambas ficam circunscritas ao momento de instrução e celebração, pois considera o ser humano em busca não de uma preparação imediata aos sacramentos, mas à vida cristã, na qual os sacramentos encontram o seu espaço fundamental.

“A catequese não prepara simplesmente para este ou aquele sacramento. O sacramento é uma conseqüência de uma adesão à proposta do Reino,

¹⁷ Cf. LELO, Antônio Francisco. *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*, p. 90.

¹⁸ BRUSTOLIN, Leomar Antônio e LELO, Antonio Francisco. *Caminho de fé – Livro do catequista*, p. 16.

vivida na Igreja. Nosso processo de crescimento da fé é permanente; os sacramentos alimentam esse processo e têm conseqüências na vida”.¹⁹

Método mistagógico

O último tempo do processo da iniciação cristã²⁰ é a mistagogia que acontecia no catecumenato antigo e também é previsto pelo RICA para o tempo pascal. O método para ser introduzido nos mistérios celebrados chama-se mistagogia.

Ajudar o catequizando a fazer a experiência dos símbolos e gestos celebrados, faz parte de uma educação que leva o catequizando a experimentar os sinais tão simples e tão humanos da liturgia não apenas como elementos deste mundo, mas, aos olhos da fé, também como realidades divinas. Parte-se do visível para o invisível. Da água, da luz, do pão e do vinho... para a água viva, a luz do mundo, o pão do céu, enfim, para a vida eterna.²¹

Um bom método é partir do sentido antropológico daquele sinal (do significado corriqueiro e cotidiano). A encíclica *Sacramentum caritatis*²² aponta as três etapas características deste método:

- a) Trata-se, primeiramente, da *interpretação dos ritos à luz dos acontecimentos salvíficos*, em conformidade com a tradição viva da Igreja. Em Cristo crucificado e ressuscitado, podemos celebrar verdadeiramente o centro recapitulador de toda a realidade (cf. Ef 1,10); desde o seu início, a comunidade cristã leu os acontecimentos da vida de Jesus, e particularmente o mistério pascal, em relação com todo o percurso do Antigo Testamento.
- b) Além disso, a catequese mistagógica há-de preocupar-se por *introduzir no sentido dos sinais* contidos nos ritos; essa tarefa é particularmente urgente numa época acentuadamente tecnológica

¹⁹ CNBB. *Diretório nacional de catequese*, n. 50.

²⁰ Confusamente, muitas vezes, tomamos a parte pelo todo, isto é, chamamos catecumenato todo o processo de iniciação. Propriamente, o catecumenato é o segundo tempo do processo.

²¹ Cf. LELO, A. F. Mistagogia: participação no mistério da fé. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 257, pp. 64-81, janeiro de 2005.

²² BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo, Paulinas, 2007. n. 64.

como a atual, que corre o risco de perder a capacidade de perceber os sinais e os símbolos. Mais do que informar, a catequese mistagógica deverá despertar e educar a sensibilidade dos fiéis para a linguagem dos sinais e dos gestos que, unidos à palavra, constituem o rito.

- c) Enfim, a catequese mistagógica deve preocupar-se por mostrar *o significado dos ritos para a vida cristã* em todas as suas dimensões: trabalho e compromisso, pensamentos e afetos, atividade e repouso. Faz parte do itinerário mistagógico pôr em evidência a ligação dos mistérios celebrados no rito com a responsabilidade missionária dos fiéis; nesse sentido, o fruto maduro da mistagogia é a consciência de que a própria vida vai sendo progressivamente transformada pelos sagrados mistérios celebrados. Aliás, a finalidade de toda a educação cristã é formar o fiel enquanto “homem novo” para uma fé adulta, que o torne capaz de testemunhar no próprio ambiente a esperança cristã que o anima.

Por isso, recomenda-se que ao longo dos encontros catequéticos sejam apresentados pequenos exercícios com experiências, símbolos e celebrações para propiciar uma educação litúrgica que capacite o catequizando a interiorizar os principais gestos da liturgia. O sentido profundo deles coloca o fiel em contato direto com o mistério de fé celebrado. Vale a pena voltarmos a uma catequese que privilegie o uso de símbolos como são celebrados no culto litúrgico. Uma catequese que, pouco a pouco revele a linguagem dos ritos, símbolos, gestos e posturas utilizados na celebração.

Referindo-se à preparação da vida eucarística das crianças, o *Diretório para missas com crianças* recomenda: “Celebrações de várias espécies também podem desempenhar um papel na formação litúrgica das crianças e em sua preparação para a vida litúrgica da Igreja. Por força da própria celebração, as crianças percebem, mais facilmente, certos elementos litúrgicos, como a saudação, o silêncio, o louvor comunitário, sobretudo se for cantado. Cuide-se, todavia, que estas celebrações não se revistam de uma índole demasiadamente didática”.²³

²³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Diretório para missas com crianças*, n. 13.

Vivências que educam para a acolhida do outro são fundamentais. É preciso ensinar a ouvir a Palavra, partilhar a vida ou o modo de pensar, praticar a ação de graças, ser generoso e oferecer a vida como serviço de amor e de dom de si (lava-pés), pedir perdão, reconhecer a presença e o direito do outro. Atitudes como essas, em pequenas vivências, colocam o Evangelho em ação e realizam o sacramento em seu efeito primeiro como símbolo pertencente a este mundo. Naturalmente, será necessário preparar a equipe e os catequizandos para essas práticas, pois se trata de exercícios simples, mas que resgatam atitudes não muito praticadas hoje.

Nos textos catequéticos do Brasil, um deslize muito comum é não encontrar o nexos fundamental entre história da salvação e acontecimento salvífico celebrado no sacramento. Por exemplo: muitos deles apresentam, de forma inadequada, ou não ressaltam suficientemente a ligação entre êxodo, morte e ressurreição de Cristo, e última ceia. A Eucaristia passa a ser tratada como continuidade da última ceia, chegando-se a afirmar que é sacramento da ceia do Senhor. O sacrifício de Cristo ficou esquecido lá atrás, quando se estudou a crucificação de Jesus; prefere-se continuar com a dicotomia entre sacramento e sacrifício. Deixa-se de lado o esforço atual de apresentar a Eucaristia como memorial pascal, sacrifício sacramental da morte e ressurreição do Senhor.

Com essa deficiência, a Eucaristia se concentra unicamente sob a dimensão de alimento que fortalece a vivência cristã porque nela encontramos a presença real do Corpo e do Sangue do Senhor. O que observamos aqui, é a restrição do sacramento a quase uma dimensão, deixando à sombra, a dimensão do memorial sacrificial.

Não se associa o sinal sacramental a seu conteúdo. Deixa-se de entendê-lo como realização atual da única história da salvação. O sacramento é visto parcialmente, sob os efeitos que produz e sem continuidade com os conteúdos tratados anteriormente. Dessa forma, o sacramento acaba tendo vida própria; a história da salvação e a obra sacramental passam a ser coisas diferentes. Não se parte de Cristo, sacramento original do Pai e da Igreja, seu sacramento principal.²⁴

²⁴ Conforme nos mostra a rica introdução da liturgia no *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1076-1209.

Com o objetivo de promover a interação fecunda entre liturgia e catequese, segundo a orientação do *Diretório nacional de catequese*, n. 122, devem ser apresentados com muito cuidado na catequese as propostas de oração, o enfoque do sacramento e os diversos elementos litúrgicos.

CONCLUSÃO

Vemos que o estilo catecumenal, longe de ser um modismo, constitui um desafio para a catequese assumir seu papel querigmático e mistagógico. Essa é a mais lídima tradição da Igreja, asseverada pelos mais belos textos catequéticos-litúrgicos produzidos pelos pais da Igreja.

Mais do que nunca, a pluralidade que nos cerca por todos os lados hoje em dia, nos ensina a buscar uma nova forma de catequese com feições de discipulado, escuta atenta da Palavra, discernimento de valores, formação de convicções, diálogo sobre tantos temas controversos e sobretudo, silêncio e acolhida do mistério de Deus em nossa vida.

Permanece o desafio de os anunciadores da fé mais do que nunca, serem testemunhas da fé, capazes de transmitir a própria experiência de fé, se colocarem como guias espirituais fundamentados no núcleo da fé, tido não unicamente como doutrina, mas como fé dada pela Igreja e professada com convicção.

Outro desafio atual comporta compreender a iniciação no âmbito da reforma litúrgica como completo acontecimento sacramental em sua fase preparatória, celebrativa e de vivência da graça. Esta maneira de ver o sacramento deixa para trás as preparações apressadas de adultos, ou aquelas individuais com poucos encontros visando a crisma ou o batismo para casamento.

A mistagogia impele a catequese ter mais atenção com a liturgia, a promover a participação interior e frutuosa, dispondo familiarmente da espiritualidade que brota da teologia litúrgica. A liturgia é o exercício do sacerdócio de Cristo, e o fiel incorporado no Corpo de Cristo pelo batismo, se configura dia a dia na páscoa de Cristo, com sua resposta de adesão ao projeto do Reino.

A grande tarefa que se impõe, é justamente proporcionar uma catequese experiencial dos sinais e símbolos celebrados na liturgia, todos com enraizamento bíblico e antropológico. Passar do visível ao invisível, do cotidiano ao significado dado pela celebração da fé; do natural ao redimido.

O grande mérito da catequese catecumenal é reforçar a eclesialidade que nasce da experiência batismal. Estes sacramentos constituem a Igreja, são dela e para ela. As celebrações não colidem ou obstaculizam a vida paroquial, ao contrário, todo o planejamento catequético adquire sua máxima expressão nas celebrações de passagem, na eucaristia dominical, nas entregas, maximamente no ciclo pascal. Nestas ocasiões, a comunidade reencontra a fonte de sua vocação e missão constitutivas.

Prof. Dr. Antonio Francisco Lelo
Doutor em Liturgia pelo Instituto Superior de Liturgia na Faculdade de Teologia da Catalunha (Espanha). É editor-assistente na área de liturgia e catequese em Paulinas Editora.

BIBLIOGRAFIA

- Bento XVI. Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo, Paulinas, 2007. n. 64.
- Brustolin, L. A.; Lelo, A. F. *Caminho de fé*; itinerário de preparação para o Batismo de adultos e para a Blankendaal, A. F. *Seguir o Mestre*; Batismo e/ou Confirmação e Eucaristia de adultos. São Paulo, Paulinas, 2007 (2 volumes).
- LELO, Antônio Francisco. *A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*, p. 90.
- Lelo, A. F. Mistagogia: participação no mistério da fé. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 257, pp. 64-81, janeiro de 2005.
- CNBB. *Diretório nacional de catequese*. São Paulo, Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, n. 84).
- Congregação para o Clero. *Diretório geral para a catequese*. São Paulo, Loyola - Paulinas, 1998
- CNBB. *Catequese renovada*; orientações e conteúdo. São Paulo, Paulinas, 1983. (Documentos CNBB n. 26).

Pedagogia catecumenal: moda ou herança?

CELAM. *Documento de Aparecida*; texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. São Paulo, Paulus/Paulinas/Edições CNBB, 2007.

CNBB, *Diretório nacional de catequese*, n. 43.

Congregação para o Culto Divino, *Diretório para missas com crianças*, n. 13.